JEKYLL E HYDE: O HORROR ATRAVÉS DO TEMPO

JEKYLL AND HYDE: THE HORROR THROUGHOUT TIME

Gabriel Gomes F. Moreira[1]

Neuda Alves do Lago[2]

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar a transposição do romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (STEVENSON, 1993) para a adaptação *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006), dirigida por John Buechler. Essa discussão está fundamentada nas proposições de Charles Peirce (2012) acerca do processo interpretativo na intersemiótica, considerando sua visão triádica do signo. É focalizada a (não)representatividade negra na adaptação fílmica por meio do olhar sócio-histórico de Coleman (2019), bem como a imagem da mulher na adaptação, considerando a concepção patriarcal de *anjo do lar* (PATMORE, 1864). Conclui-se que a construção do grotesco na adaptação está centralizada na personalidade trifacetada do protagonista, a qual se distancia da dualidade inicialmente construída no romance. Também, é entendido que a presença de negros não contribui para uma representatividade efetiva, uma vez que os discursos presentes no enredo não possibilitam identificação da negritude com os personagens.
Palavras-chave: Gótico; Literatura; Cinema; Transposição intersemiótica.

Apresentação

The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde (1993), escrito por Robert Louis Stevenson, se configurou como a principal obra do autor. O romance gótico foi publicado em 1886, e representou um marco para a literatura na era vitoriana. A obra é contextualizada na Londres vitoriana, e os personagens representam a imagem do cidadão londrino do século XIX, sendo a dualidade do ser fundamentada na dicotomia do bem e do mal, um aspecto marcante da sociedade da época explorado no romance. Nesse sentido, conforme Saposnik (1971, p. 715), existe uma tendência entre estudiosos de estabelecer essa antítese entre o bem e o mal como cerne do romance gótico de Stevenson. Contudo, o autor argumenta que isso possui caráter simplista, uma vez que a obra se trata de uma "exploração imaginativa do dualismo moral e social". Tendo em mente o caráter crítico da escrita de Stevenson diante da sociedade inglesa conservadora da época, é relevante ressaltar que a obra é repleta de elementos que evidenciam o funcionamento social da comunidade em questão, sendo esses: o fato de a supressão do real ser conforme uma personalidade compactuante aos princípios conservadores da época, a desigualdade social, e também uma moral, literalmente, para inglês ver. A história gira em torno de Henry Jekyll, um respeitado médico da época, cuja relação com o estranho e desconhecido

[1] Graduação em Letras: inglês pela Universidade Federal de Goiás (UFG); mestrando em Linguagem, Educação e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: gabrielgfm16.gg@gmail.com.
[2] Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG); professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: neudalago@ufg.br.

Edward Hyde é questionada pelos indivíduos de seu convívio. Dessa forma, a extensão da relação de ambos os personagens, os quais se antagonizam em suas características físicas e de personalidade, se torna centro do suspense e anseio pela descoberta do desconhecido, no desenrolar da trama.

Sobre a adaptação fílmica a ser considerada, tem-se *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006), dirigido por John Carl Buechler, e produzido por Peter Davy. Apesar de possuir o mesmo título da obra original de 1886[3], críticos afirmam que de semelhança ambos possuem somente o nome. Diferentemente do romance de Stevenson, a adaptação se passa em tempos modernos, e não na Inglaterra vitoriana do século XIX. A adaptação também possui como cerne do enredo a dualidade entre Henry Jekyll e Edward Hyde. Contudo, essa relação é abordada como uma desordem de personalidades múltiplas, essa resultante dos testes de uma fórmula, criada por Jekyll, para se curar de sua arriscada condição cardíaca. No que tange à crítica cinematográfica, a adaptação foi avaliada com nota 2,5 de 5 pelo *Dread Central*, uma vez que o avaliador, Jon Condit, afirmou que o filme não satisfaria o entusiasta da obra original, mas sim o fã que procura por "sangue e risadas não intencionais" (CONDIT, 2006, Tradução nossa). Além disso, o *Adaptations Fandom* (2022) centralizou sua crítica na significância da adaptação em trazer a Inglaterra Vitoriana para uma conjuntura moderna, porém não reconhece outro benefício cultural em sua elaboração.

1. As estéticas do autor e diretor

Nesta parte do estudo, são apresentadas breves reflexões acerca da estética literária de Robert Louis Stevenson, autor do romance aqui discutido, e do estilo de direção de John Carl Buechler, que foi responsável pela direção da adaptação considerada para a investigação aqui proposta.

1.1 A estética literária de Robert Louis Stevenson

Robert Louis Stevenson integrou um grupo de escritores cujas intenções com a arte literária transcendiam as tendências da época. É importante lembrar que a literatura da era vitoriana fundamentava-se inicialmente em um movimento realista, uma vez que as obras eram maioritariamente focadas no retrato da realidade, em sua plenitude simplista e lógica. Nesse contexto, Stevenson acreditava que a literatura não possui caráter exclusivamente imitativo, mas sim potencial para explorar a realidade de maneira criativa e crítica. O autor fez parte de um movimento literário que é conhecido

[3] O romance original de Stevenson foi publicado em 1886. Contudo, utilizamos a versão de 1993 publicada pela *Wordswoth Classics* como referência.

por alguns, como Émile Legouis e Louis Cazamian (1960), como Novo Romantismo. A intenção desses escritores não era seguir a tradição literária da época, que se baseava na dicotomia do bem e do mal, mas sim explorar essa dualidade na singularidade de cada ser.

No que tange ao estilo de escrita de Stevenson, é verificável uma escolha de palavras fundamentada na língua formal. Também, em relação aos elementos literários utilizados pelo autor, vale destacar o uso de metáforas, simbolismos, e personificações para o processo de significação, em suas obras. Mais especificamente, se tratando de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, um exemplo do uso de simbolismos se configura no cenário construído pelo autor, uma vez que a casa do protagonista não somente contribui para o suspense da trama, como também para a construção de uma dualidade concreta do personagem. Além disso, o simbolismo se faz presente nos cenários sociais explorados na obra, uma vez que o contraste entre o subúrbio e a alta sociedade londrina reflete a desigualdade social da época.

1.2 O estilo de direção de John Carl Buechler

John Carl Buechler ficou conhecido por sua desenvoltura com efeitos especiais e maquiagem, em suas produções. O cineasta construiu grande parte de sua carreira no ramo das produções de ficção científica, terror e fantasia. Em relação ao seu estilo de produção, em entrevista para o *Filmtell* (2021), Buechler explica que o desenvolvimento de personagens é sempre estruturado em sua história, sendo o trabalho de tradução da obra para a imagem do personagem algo que deve acontecer de maneira dialógica. Além disso, o cineasta é conhecido pelas suas técnicas de construção de personagens, sendo a maquiagem e os efeitos de movimentação aspectos pelos quais se destaca.

Sobre o processo de tradução de uma obra para uma adaptação, o cineasta o classifica como sendo um movimento orgânico de produção. Nesse aspecto, Buechler explica que sua intenção é configurar o personagem de uma forma que esse não se perca em relação ao que foi previamente escrito. Também, apesar de ressaltar a importância de não ignorar a obra original, o cineasta defende a ideia de que novas sugestões e modificações são sempre bem vindas no processo de produção cinematográfica, uma vez que, ao fazer isso, o cineasta pode conseguir expandir o conceito do contexto que foi anteriormente experienciado ao ler a obra original (IMDB, 2019).

2. O gótico no romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde (STEVENSON, 1993) é classificado como uma ficção gótica, pois agrega elementos da ficção, como por exemplo o ato de se transformar em outro ser por meio de uma fórmula desenvolvida, em conjunto com elementos góticos, os quais são, maioritariamente, construídos pelos cenários presentes na obra e as situações que causam estranhamento e horripilância ao leitor. É importante lembrar que essa obra foi publicada em um período do século XIX denominado de *fin de siècle* (LEDGER; MCCRACKEN, 1995), o qual se configurou como uma época de questionamentos e confrontos a princípios patriarcais da sociedade vitoriana. Assim, a ficção gótica se estabelece como gênero literário de grande consumo em um período de transformações, uma vez que a racionalidade e a estabilidade, até então fomentadas pelo iluminismo como inerentes ao ser humano, passam a ser questionadas por meio de uma construção de enredo que colocam a civilidade e a barbárie como elementos constituintes da sociedade.

Além disso, o final do século XIX, mais especificamente a prestigiada sociedade inglesa da época, é marcado pelas contradições e desigualdades sociais. Essas desigualdades se configuravam desde a moral do "cidadão de bem" ao próprio cenário urbano, sendo riqueza e pobreza, prestígio e descaso, reputação e estranheza, presentes nas variadas facetas da Londres do fim do século XIX. Em meio a tantos embates, a imagem do cidadão também possui seu lugar de destaque, considerando que a moral do privilegiado e elitizado homem londrino é posta à tona. Contradições acerca da civilidade e moral dos indivíduos passam a ser exploradas, sendo escândalos – a prostituição, por exemplo, era uma prática comum de homens da época – esses que ameaçavam a integridade da sociedade vitoriana, partes constituintes de variadas obras literárias escritas na época.

Como supracitado, a moral no final do século XIX se tornou fato duvidoso em meio à civilidade exacerbada pregada e buscada pela sociedade inglesa da época. Stevenson (1993), em sua obra, consegue expor uma dualidade de grande potencial subversivo para os parâmetros da era vitoriana. Ao agregar, em um único ser, por meio de duas personalidades distintas, a corrupção e a civilidade, Stevenson promove estranheza e medo aos princípios tão veementemente defendidos pela sociedade londrina do século XIX:

> Stevenson estabelece a história no coração de Londres, berço do Império Romano, nos interiores domésticos de profissionais respeitados como advogados, médicos e cientistas, mas o que demonstra é uma cidade repleta de divisões e lares que, longe de serem castelos, são rompidos por ocorrências misteriosas e estranhas (MIDDLETON, 1999, p. 10).

Sendo assim, a presença de duas facetas antagônicas em um único ser, e a própria possibilidade de enxergar o homem como ser instável e suscetível de práticas medonhas, trazem à tona um medo da sociedade da época, e cumpre o papel de causar estranheza, típico da ficção gótica.

Tratando-se de Edward Hyde, pode-se afirmar que sua aparência horrenda e suas ações bárbaras e apáticas se configuram como fator de grande relevância para a construção do gótico na trama. Sobre isso, é válido salientar a teoria de Cesare Lombroso (2001) sobre o atavismo criminal, a qual pode ser utilizada para explorar a aparência e o comportamento de Hyde. Conforme o teórico e sua antropologia criminal, criminosos apresentam traços físicos comuns àqueles que praticam ações criminosas. Seguindo essa linha de raciocínio, seria possível identificar um criminoso mediante os tamanhos e posições das orelhas, ou até mesmo pelo tamanho e desenho do crânio. Apesar de não vista com bons olhos na contemporaneidade, o conceito de atavismo de Lombroso se configura como prática de construção de personagens em diversas obras literárias, uma vez que aqueles que se distanciam da moral e se alheiam ao incorreto são retratados com traços físicos de causar estranheza ao leitor/espectador.

Não somente a aparência horripilante de Hyde contribui para a construção do gótico na trama, podendo-se, também, destacar seu comportamento bárbaro que, nitidamente, se opõe aos parâmetros da sociedade vitoriana.

> [...] e então veio a parte horrível; uma vez que o homem pisoteou calmamente o corpo da criança e a deixou gritando no chão. Não parece grave de se ouvir, mas foi horrível de se ver. Não era como um homem, parecia mais um rolo compressor (STEVENSON, 1993, p. 4).

O trecho acima é um relato de Enfield sobre uma cena que havia presenciado em uma esquina. Posteriormente descobrimos que o homem se tratava de Edward Hyde, e então incorporamos mais um acontecimento horrendo ao seu comportamento. É perceptível o horror na fala de Enfield, uma vez que ele faz questão de expressar sua indignação com o que que viu. Além disso, a fala de que Hyde não era nada como um "homem" distancia o personagem da natureza humana, atribuindo-lhe assim característica anormal à moral e às práticas comuns da sociedade da época.

3. O gótico na adaptação fílmica *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006)

Anteriormente, mencionamos o conceito de atavismo criminal proposto por Lombroso (1893) e como ele se posterga pelas produções cinematográficas na construção do grotesco em personagens. Assim, na adaptação *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006), dirigida por John Carl Buechler, também é verificável a personificação do horrendo pela distorção das características humanas. Ainda

sobre a teoria de Lombroso, é afirmado que algumas características físicas inerentes ao criminoso se assemelham aos traços de primatas, o que pode ser visto como um distanciamento do ser humano da racionalidade antropocentrista. Nesse sentido, verifica-se na adaptação fílmica um doutor Henry Jekyll trifacetado em aparência: 1) a de prestigiado médico pesquisador de um renomado laboratório; 2) a de um ser que, apesar de traços humanos, possui deformidades no rosto; 3) a de um primata totalmente fora de si.

A imagem do primata passou a se fazer presente, de maneira mais frequente no cinema, nas três primeiras décadas do século XX. Conforme explica Blair Davis (2015), a presença do primata em filmes de terror no início do século XX se deu principalmente como resultado à teoria Darwinista da evolução. Contudo, o teórico explica que o uso da imagem do primata em filmes de terror, apesar de ter vivido seu apogeu no início do século, entra em declínio nas décadas posteriores, até mesmo sendo ridicularizada pelo público. De acordo com David Ashford (2011, p. 202 apud Davis, 2015, p. 276), o gorila pode ser visto como "um símbolo para uma crise de fé nas definições Cartesianas de ser humano". Diante disso, é possível compreender que a imagem do primata não se faz presente em filmes de terror exclusivamente pelo distanciamento do humano e aproximação ao animal, mas envolve também princípios sócio-históricos, culturais e religiosos.

No que tange à adaptação aqui discutida, a construção do horror, a qual se dá maioritariamente por meio da relação antagônica em um único ser – o prestígio do doutor Jekyll e a barbárie de Edward Hyde –, se dá de maneira mais explícita, rápida, e não gradual. Considerando a construção dos personagens no romance original, tem-se um Hyde – homem de baixo prestígio, aparência horrenda, e comportamento bárbaro – cuja relação com Jekyll é construída de maneira gradativa. Assim, considerando a primeiridade de Charles Peirce (1960), a qual diz respeito ao ícone, pode-se afirmar que o leitor é mantido na instância da iconicidade durante uma parte considerável da história. Posteriormente, com os indícios de que Hyde poderia ser a mesma pessoa que Dr. Jekyll, o leitor se submete a um processo de desvendamentos, em que índices se estabelecem como parte do processo de interpretação da trama. Sobre os índices presentes na estória, vale ressaltar o seguinte trecho: "Bem, senhor, respondeu o mordomo, existe uma semelhança notável, ambas as mãos são, em muitos aspectos, idênticas: só que de diferente declive." (STEVENSON, 1993, p. 22)

Conforme o trecho anterior, coincidências e indícios apresentados durante o enredo – nesse caso a semelhança na escrita de ambos personagens - nos levam a relacionar ambos o médico e o monstro. De maneira distinta, na adaptação, Dr. Jekyll e Mr. Hyde são expostos como partes complementares de um único ser, de maneira rápida e autoexplicativa. Ao invés de utilizar o processo

de interpretação por meio de índices, o horror do filme é construído, no que tange à imagem do protagonista, pelo horror às suas ações e à figura do primata como ápice da sua barbárie como assassino, sendo todo esse processo constituído por cenas frenéticas, repletas de sangue e mutilações.

4. A representatividade negra em filmes de terror

Nesta secção do trabalho nos atentamos a traçar uma discussão histórica da representatividade negra no cinema de horror, tendo em vista as concepções de Coleman (2019) e como essa se configura na adaptação fílmica *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006).

4.1 A negritude, o cinema, e o horror pelo tempo

A adaptação aqui discutida, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006), dentre as adaptações do romance original de Stevenson (1886), é a primeira na qual o papel do Dr. Henry Jekyll é assumido por um ator negro. Antes de olhar para o efeito que essa distinção na adaptação causa em sua construção, é importante entender como negros/as eram, tem sido, e são atualmente retratados em filmes de terror. Conforme Berry (2019), a presença de negros/as assumiu, por um longo período na história do cinema, papel ínfimo nos enredos, ou conforme explica o teórico, não passavam de "notas de rodapé". Torriano Berry, cineasta e professor adjunto da Universidade Howard, em Washington D.C., explica que Robin R. Means Coleman redigiu o que é hoje um "estudo indispensável" acerca da imagem do/a negro/a no cinema de horror, o *Horror Noire* (2019). Nessa obra, a autora reflete sobre a representatividade negra no cinema entre os anos de 1890 a 1990, em que, pelo olhar de uma leitora, telespectadora e pesquisadora negra, Coleman (2019) descreve como essa (não)representatividade se fez presente nessa "arena lucrativa do audiovisual".

Coleman (2019) demonstra que os papéis atribuídos a negros/as em produções hollywoodianas do início do século XX eram de personagens subservientes: mordomos, empregadas/os, motoristas, etc. Junto a isso, a autora adiciona que negros/as também orquestravam alívio cômico para as produções, bem como a personificação de uma certa ameaça para a supremacia branca, como em *A Nigger in the Woodpile* (1904), uma comédia, em que personagens brancos utilizavam maquiagem em estilo *Blackface* para retratar negros/as como uma raça a ser temida.

No que tange à representatividade negra na cinematografia contemporânea, nos atentamos às reflexões de Ashlee Blackwell (2019) – renomada escritora e resenhista de filmes de terror – que em reflexão sobre suas identificações com o trabalho de Coleman (2019), sendo uma entusiasta e estudiosa negra do cinema de terror, discute a construção da produção do filme *Corra!* (2017), produzido por Jordan Peele, diretor negro, e estrelado por um elenco negro, Chris (Daniel Kaluuya), Lil Howery (Rod

Williams), a fim de retratar como uma nova era se configura para a representatividade negra no cinema atual. Assim, Blackwell demonstra o caráter crítico da produção de Peele, ao reconhecer as "camadas de racismo institucionalizado, supremacia branca e subtextos de políticas raciais" presentes na produção e adiciona, por um olhar contextualizado às problemáticas reais vividas pela comunidade negra na sociedade atual, como a obra se faz relevante para a crítica acerca de "angústias enclausuradas" do cotidiano de negras/os atualmente.

Corra!, conforme descrição da resenha publicada no site *Graveyard Shift Sisters* (BLACKWELL, 2017) – com título original *Get Out: Crafting A Masterpiece From The Horror Of Racism* – retrata a história de Chris (Daniel Kaluuya), um jovem negro que, após certo tempo em um relacionamento com a jovem Rose (Allisson Williams), decide passar um fim de semana com sua família, em uma casa de campo, onde Daniel logo percebe que as intenções da família são extremamente sinistras. A estudiosa explica que *Corra!* se configura como uma obra tocante, não pelas diversas facetas do racismo estrutural denunciadas na trama, mas sim por apresentá-las pela exposição de problemáticas internas da psique do protagonista. Assim, Chris se torna uma vítima perfeita para a família de Rose – a qual pode ser interpretada como a manifestação da supremacia branca na sociedade – por ser um indivíduo que se concebeu em uma esfera de conflitos internos, em meio a uma sociedade segregacionista, tendo assim sua fragilidade subjetiva focalizada por um sistema opressor. Adicionalmente, Blackwell (2017) discute que podemos ter a impressão de que Chris é levado para uma outra dimensão, um ambiente de acontecimentos distintos da nossa realidade, mas que na verdade não é, uma vez que negros/as frequentemente saem da segurança de suas casas e famílias para uma realidade de "micro agressões raciais e comportamentos discriminatórios".

Ter a impressão de que os personagens estão em uma realidade diferente, ao experienciar como *Corra!* atribui aspecto abstrato, quase que místico, no momento em que Chris é ameaçado e explorado pela família, é comportamento que muitos telespectadores têm, vendo a obra, por não compartilharem do sofrimento da comunidade negra no dia a dia. Sobre isso, Blackwell (2017) explica que enxerga Chris como tendo uma personalidade fragmentada, com a qual a estudiosa, como mulher e negra, também se identifica, em que afirma se sentir fragmentada em um "ambiente onde poucos se parecem com ela". Portanto, *Corra!* consegue construir a representatividade negra como ela sempre deveria ter sido configurada: uma representação significativa para a realidade da comunidade negra, retratando as angústias do/a negro/a em um contraste entre seus embates internos e problemáticas externas de um sistema opressor.

4.2 A (não)representatividade negra na adaptação *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

Como já mencionado neste trabalho, a adaptação aqui discutida é a única onde tem-se um ator negro protagonizando o papel de Dr. Henry Jekyll. O papel é exercido por Anthony Tiran Todd, popularmente conhecido como Tonny Todd. Todd é conhecido por papéis importantes na indústria cinematográfica de horror, como sua interpretação do "assassino sobrenatural" em uma série de 3 filmes como adaptação de *Candyman* (1992, 1995, 1999). Diferente de seu papel em *Candyman*, em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006) Tonny Todd, como Dr. Henry Jekyll, se encontra em posição de prestígio social como protagonista da trama, um médico renomado e responsável por um promissor laboratório de pesquisa genética. Esse acontecimento difere da tendência na indústria cinematográfica de inferiorizar ou demonizar os/as negros/as presentes na trama (COLEMAN, 2019). Porém, é válido questionar se essa situação realmente configura uma representatividade negra na obra, e como isso se constrói.

O papel de protagonista de Tonny Todd na adaptação representa uma porcentagem de protagonistas negros/as em produções cinematográficas hollywoodianas de apenas 27,6%, conforme estudo sobre diversidade negra no cinema feito pela Universidade da Califórnia (GUERINI, 2020). Além disso, o estudo revela que essa porcentagem é ainda menor tratando-se da participação de diretores/as negros/as nessas produções, o que equivale a somente 5,5%. Sobre esse estudo, Micki McElya, especialista em formação racial no EUA, explica que a indústria cinematográfica é fundamentada, como as outras instituições sociais, em um racismo estrutural, e que "sem negros em todas as facetas do cinema, os estereótipos da supremacia branca e o repertório de negros como serviçais e criminosos não serão desenraizados", o que nos remete às tendências de deslegitimar a figura negra em obras de horror no século XX, denunciadas por Coleman (2019).

Diante disso, questionamos o que possuir um negro em papel de protagonista atribui à adaptação *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2006). Afinal, a negritude está presente de modo a gerar representatividade para o público negro que assiste a obra, ou se configura como um detalhe a ser percebido e não refletido pelos telespectadores na construção da adaptação? Sobre isso, em reflexão acerca da representatividade negra no filme da Marvel: Pantera Negra (*Black Panther*, Ryan Coogler, 2018), Bonito e Vaz (2019) descrevem que o processo da construção da representatividade se dá mediante uma questão identitária que permeia aspectos étnicos e de relações de poder presentes em nossa sociedade. Conforme Orlandi (1999) e Albanese (2015) (apud BONITO; VAZ, 2019), o processo de identificação como sujeito é fundamentado na comunicação, mais precisamente nos

discursos presentes na sociedade. Assim, para se posicionar como sujeito que diz, é importante primeiro esquecer do já dito, no sentido de tomar posse de um discurso que não foi originalmente produzido por nós. BRAGA (2013, apud BONITO; VAZ, 2019) explica que existe uma confusão entre parâmetros étnicos e raciais, e afirma que o primeiro se aproxima de relações identitárias, pois diz respeito à cultura, enquanto que o segundo se caracteriza por uma distinção genética entre espécies. Nesse viés, e considerando que discutimos aqui uma representatividade de caráter étnico, não é verificável na adaptação aqui discutida a imagem do negro a propiciar uma identificação com discursos presentes na construção identitária da comunidade negra – a qual possui uma bagagem histórica conturbada (BONITO; VAZ, 2019). Portanto, o telespectador da trama não se relaciona com a negritude presente na obra, por não negociar sua identidade com discursos que lhes são apresentados, uma vez que os discursos presentes na obra não refletem, de maneira evidente, aspectos étnicos.

5. A imagem da mulher: adaptação e novos direcionamentos

Como dito, discussões acerca da fidelidade à obra ainda são recorrentes no que tange às adaptações cinematográficas. Como explica Gualda (2010), por possuir peculiaridades de verbalização, ambas a obra literária e a adaptação fílmica são compreendidas como formas de produção únicas, sendo a completa fidelidade uma obrigatoriedade não produtiva ao processo de transposição das obras. Sobre isso, Araújo (2011) explica que as mudanças na construção de uma adaptação – o autor as denomina de deslocamentos, distorções e descontinuidades -, em comparação com sua obra originária, se configuram como uma recriação de "relações de hierarquia e poder" presentes em ambas as obras, em que a simples repetição de ícones não se faz pertinente em um contexto dinâmico de produção.

Assim, olhando para ambas as obras discutidas neste trabalho, é importante compreender os contextos sócio históricos em que foram desenvolvidas. O romance original de Stevenson (1993) é concretizado em um período denominado de era vitoriana, em que a Inglaterra se encontrava em momento de grande desenvolvimento industrial, porém enraizada em uma cultura patriarcal de extrema marginalização do papel da mulher na sociedade (SOUZA; SOUZA, 2018). Como explica Narvaz e Koller (2006, p. 50), instaurou-se na sociedade um modelo familiar centralizado na imagem do homem, sendo esse patriarcado, na concepção das autoras, "uma nova ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres", o que dialoga com a "representação meiga e angelical" da mulher na literatura do século XIX denominada de o *Anjo do Lar* (PATMORE, 1864, apud SOUZA; SOUZA, 2018).

Tendo contextualizado a posição da mulher na época em que *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (STEVENSON. 1993) foi escrito, é importante ressaltar que os papéis da grande maioria dos personagens do romance, mais especificamente aqueles que se encontram em posição de destaque no enredo, são desempenhados por homens. Nesse contexto, Gabriel John Utterson, um advogado londrino na história, se encontra como orquestrante no estranhamento às relações entre e Jekyll e Hyde, sendo mais um homem, com prestigiada reputação na sociedade vitoriana, um personagem de grande destaque na obra. Olhando para a adaptação The Strange of Dr. Jekyll and Mr. Hyde (2006), é verificável que uma mulher, com o nome de Karen Utterson (Tracy Scoggins), se encontra no papel do personagem e, ao invés de uma advogada de prestígio na sociedade, essa é uma policial, mais especificamente uma investigadora.

O que essa mudança nos demonstra sobre a adaptação? Tendo em vista a concepção de Gualda (2010) acerca da unicidade dos meios de produção artística no processo de transposição de uma obra literária para uma adaptação, é compreensível afirmar que o fato do papel de Utterson ser desempenhado por uma mulher demonstra uma mudança de paradigmas sociais, levando em conta o patriarcado extremo que regia a sociedade britânica do século XIX. Contudo, é importante observar a construção da personagem de Karen Utterson na adaptação por uma ótica crítica, uma vez que, mesmo sendo uma mulher em uma posição comumente associada à imagem masculina, a personagem é explorada na trama de modo tendencioso. Karen Utterson é representada como uma detetive que, por consequência de traumas pessoais, não consegue desempenhar sua função de maneira satisfatória à corporação, sendo essa fragilidade explorada em vários momentos nas falas de seu superior – chefe de polícia. Sobre isso, é verificável o uso de um ícone para a materialização da angústia e insegurança da personagem, a arma de fogo. Na trama, Utterson possui extrema relutância em utilizar a arma de fogo em trabalho, o que se concretiza como uma façanha perigosa e, ao mesmo tempo, ingênua na visão de membros de uma corporação policial. Em uma ótica peirciana (1960 apud SANTAELLA, 1983) de compreensão dos signos, mais especificamente considerando sua concepção triádica de compreensão de fenômenos, a arma de fogo pode ser tida como o ícone, a qual estabelece a instância da secondidade do índice em estar diretamente relacionada à insegurança de Utterson e, ao mesmo tempo, um objeto que representa poder, domínio, perigo e opressão na sociedade atual, na esfera da terceiridade. Assim, a construção de Karen Utterson é feita de maneira a fragilizar a mulher em um contexto normalmente dominado por homens, o que reflete o pensamento de Kaplan (1995, apud CARDOSO; FREITAS JUNIOR, 2011) que diz que:

> Os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica – maneira tal que reflete as necessidades patriarcais.

Considerações finais

Como explica Motta (2019), o romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr, Hyde* (STEVENSON, 1993*)* se encontra em um conjunto de obras que trazem à tona a subjetividade humana em contraste com as transformações sócio históricas de uma determinada época. Nesse pensamento, a obra de Robert Louis Stevenson (1993) traz à tona angústias e medos que se instauraram como ameaças aos princípios patriarcais da era vitoriana (1837-1901), em que dualidades dicotômicas como o bem o mal, o moral e o imoral, a racionalidade e a barbárie, são concentradas na imagem de um personagem horrendo que representa o que a sociedade da época temia ser e, ao mesmo tempo, o que realmente era.

Esse estudo teve por objetivo compreender como os signos presentes em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (STEVENSON, 1986) foram transpostos para a adaptação *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (2016), dirigida por John Buecheler e produzida por Peter Davy. A discussão acerca da transposição se configurou, de maneira específica, em compreender 1) Como as estéticas literárias e cinematográficas de Louis Stevenson e John Buechler, respectivamente, influenciaram a construção da adaptação; 2) como o gótico se fez presente na obra original e como se configurou na adaptação; 3) como a representatividade negra tem estado presente na cinematografia de horror e como essa se fez presente na adaptação discutida; 4) como a imagem da mulher foi explorada na adaptação, levando em conta aspectos socioculturais de períodos distintos. Essas considerações foram feitas conforme proposições de Charles Peirce (1960) para a intersemiótica, mais especificamente sua concepção triádica da primeiridade, secondidade e terceiridade do signo.

Para Souza e Cavalcante (2014, p. 11 apud LIMA; PEREIRA, 2018) o gótico valoriza "o sobrenatural, as forças demoníacas e o medo excessivo", o que, conforme Lima e Pereira (2018) propõe uma ruptura para os padrões vigentes da época. Sobre isso, o romance de horror de Stevenson (1993) enuncia e desafia preocupações e tendências da sociedade britânica do século XIX, em que a moral e a racionalidade são ameaçadas pela dualidade grotesca orquestrada pelas imagens de Jekyll e Hyde. A adaptação fílmica dirigida por John Buechler (2006) se ancora em tendências do cinema de horror, mais especificamente em aspectos comuns de filmes *slashers*, como a mutilação excessiva e o prazer sexual. No filme, Jekyll se encontra em uma situação de *delictum continuatum*[4], uma vez que sempre

[4] Ou *crime continuado*, dá-se quando um agente comete dois ou mais crimes com condutas parecidas. (TJDFT, 2020).

mutilava e violentava sexualmente suas vítimas. Além disso, a adaptação retoma uma tendência cinematográfica do século XX que, como reflexo da ascensão do pensamento Darwinista, centralizou a imagem do primata na construção do horror (ASHFORD, 2011 apud DAVIS, 2015). Assim, em uma construção triádica do transtorno de personalidades do protagonista, o que se difere da dualidade estabelecida na obra original, Buechler nos apresenta um Dr Jekyll e Mr. Hyde cujas transições perpassam estágios gradativos de horripilância, saindo de um médico de prestígio para um sagaz e grotesco indivíduo com deformidades para, finalmente, atingir o ápice da representação da barbárie humana na imagem do primata descontrolado. Ainda nessa discussão, essas transições entre as personalidades do protagonista se configuram ante uma relação de mudanças físicas e comportamentais, o que se aproxima das proposições de Lombroso (1893) acerca do atavismo criminal.

Em relação à representatividade negra, a qual se tornou motivo de discussão nesse estudo pelo papel de Dr. Henry Jekyll ser exercido por Tonny Todd, um ator negro, foi concluído que a negritude presente na adaptação não se configura como representatividade étnica, considerando que, como explica Orlandi (1999) e Albanese (2015), a identificação identitária se dá por meio do reconhecimento de discursos presentes no contexto sócio-histórico e cultural dos indivíduos, discursos esses que não se fazem presentes na trama ao ponto de causar reflexão ou identificação, estando ali em posição de normalidade.

The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde (2006), apesar de apresentar características que nos levam a considerar uma possível reformulação crítica da trama para uma sociedade contemporânea – uma mulher no papel originalmente exercido por um homem; um negro no papel de protagonista – nos traz essas diferenças de forma passiva, especificamente no que tange à falta de representatividade negra, e à forma tendenciosa de retratar Karen Utterson como uma policial incompatível com os parâmetros heteronormativos da corporação policial. A presença dessas minorias não é estabelecida de modo a gerar representatividade para grupos marginalizados, mas sim para atender demandas de uma indústria cinematográfica e de uma sociedade patriarcal, o que é explicado pelo pensamento de Kaplan (1995, apud CARDOSO; FREITAS JUNIOR, 2011, p. 2) que, ao refletir sobre filmes hollywoodianos afirma que "eles trazem uma ordem social a ser purgada, um conjunto de imperativos éticos que é preciso elucidar".

ABSTRACT: This study aims to analyze the transposition from the novel *The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (STEVENSON, 1993) to the adaptation *The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (2006), directed by John Buechler. This discussion is grounded in Charles Peirce's claims (2012) regarding the interpretation process in intersemiotics, considering his triadic view of signs. It is focused on the (non) black representativity in the film adaptation under Coleman's sociohistorical perspective (2019) and on the way women are portrayed in the adaptation considering the patriarchal conception of the *angel in the house* (PATMORE, 1861). It is concluded that the construction of the grotesque in the film is centered on the trifaceted personality of the protagonist, which differs from the duality initially settled in the novel. Additionally, it is understood that the presence of black characters does not contribute to black representativity since the discourses in the plot do not arouse relatability between the black community and the adaptation.
Keywords: Gothic; Literature; Cinema; Intersemiotic transposition.

Referências

ADAPTATIONS WIKI. **Dr. Jekyll and Mr. Hyde (2006)**. 2022. Disponível em: https://adaptations.fandom.com/wiki/Dr._Jekyll_and_Mr._Hyde_(2006). Acesso em: 10 set. 2022.

BERRY, S. T. Prólogo. In: COLEMAN, R. **Horror Noire**: A representação negra no cinema de terror. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

BLACKWELL, A. **Get Out**: Crafting A Masterpiece from The Horror of Racism. Graveyard Shift Sisters, 2017. Disponível em: https://www.graveyardshiftsisters.com/2017/02/get-out-crafting-masterpiece-from.html. Acesso em: 6 jul. 2021.

CARDOSO, T. C.; FREITAS JUNIOR, E. F. de. Cinema Hollyywoodiano: a imagem da mulher sob o olhar da lente masculina. In: Congresso Internacional de História da UFG, 2., 2018, Jataí. **Anais [...]**. Jataí: CEGRAF, 2018.

COLEMAN, R. Horror Noire: **A representação negra no cinema de terror**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

CONDIT, Jon. **Strange Case of Dr. Jekyll & Mr. Hyde (2006)**. Dreadcentral. 2006. Disponível em: https://www.dreadcentral.com/reviews/4411/strange-case-of-dr-jekyll-mr-hyde-the-2006/. Acesso em: 10 set. 2022.

DAVIS, B. **The Battle for the Bs**: 1950s Hollywood and the Rebirth of Low-Budget Cinema. [S.l.]: Rutgers University Press, 2012. 260 p.

FILM TELL: **Interview with John Carl Buechler**. FilmTell, 2013. Disponível em: https://youtu.be/3W63EqBZXIs. Acesso em: 12 jan. 2021.

GUALDA, Linda Catarina. Literature and cinema: link and confrontation. **MATRIZes**, São Paulo, v. 3, ed. 2, p. 201-220, jan./jun. 2010. Disponível em: www.matrizes.usp.br. Acesso em: 11 nov. 2020.

GUERINI, Elaine. **Nas telas e atrás das câmeras, negros ainda são coadjuvantes em Hollywood**. Neofeed. 2020. Disponível em: https://neofeed.com.br/blog/home/nas-telas-e-atras-das-cameras-negros-ainda-sao-coadjuvantes-em-hollywood/. Acesso em: 05 set. 2022.

IMDB. **Mini Biography**: John Carl Buechler Biography. 2019. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm0119106/bio?ref_=nm_ov_bio_sm. Acesso em: 17 dez. 2020.

LEDGER, S.; MCCRACKEN, S. **Cultural Politics at the Fin de Siècle**. Estados Unidos: Cambridge University Press, 1995.

LEGOUIS, É.; CAZAMIAN, L. **A History of English Literature**. 5ª ed. Londres: J. M. Dent & Sons, 1960.

LOMBROSO, C. O homem delinqüente. Porto Alegre: Rivardo Lens, 2001.

MIDDLETON, T. Introduction. In: STEVENSON, Robert Louis. **The Strange Case of DR JEKYLL AND MR HYDE THE MERRY MEN**: and other tales and fables. Londres: Wordsworth Classics, 1999. p. 7-17.

MOTTA, C. N. da. **TRÊS TEXTOS DE STEVENSON**: O SER HUMANO, A CIÊNCIA E HORROR DO FINAL DO SÉCULO XIX VITORIANO. 2017. 130 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

NARVAZ, M; KOLLER; S. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2006.

PEREIRA, R. de C. M.; LIMA, M. P. de. Considerações sobre o gótico e seus reflexos na sociedade: uma leitura de Drácula, de Bram Stoker. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 20, n. 31, p. 49-70, 2018.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora brasiliense, 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/258550/mod_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf. Acesso em: 11 nov.2021.

SAPOSNIK, I. The Anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Studies in English Literature, [s.l.], v. 11, ed. 4, p. 715-731, 1971. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/449833. Acesso em: 15 dez. 2020.

SOUZA, T.; SOUZA, S. O Anjo do Lar e Femme Fatale: a representação da mulher vitoriana na obra Carmilla, de Le Fanu. Revista Ártemis, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 130–147, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37047. Acesso em: 7 nov. 2022.

STEVENSON, R. L. **The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 1993.

THE STRANGE CASE OF DR. JEKYLL AND MR. HYDE. Direção: John Buechler. Produção de Peter Davy. Estados Unidos: Rocky Mountain Pictures, 2006.

TJDFT. **Crime Continuado**. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2019. Disponível em: https://www.tjdft.jus.br/consultas/jurisprudencia/jurisprudencia-em-temas/a-doutrina-na-pratica/concurso-de-crimes/crime-continuado. Acesso em: 03 dez. 2022.

VAZ, D.; BONITO, M. Pantera Negra: A Representatividade Negra e o Afrofuturismo Como Forma de Construção da identidade. In: *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, XX, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Intercom, 2019.